



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELIZIANE NASCIMENTO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM BACURITEUA, BRAGANÇA-PA**

Bragança – PA
2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELIZIANE NASCIMENTO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE CRIANÇAS
NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM BACURITEUA, BRAGANÇA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Pará do Campus Universitário de Bragança, como crédito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr^a Norma Cristina Vieira.

Bragança – PA
2025

AGRADECIMENTOS

A minha irmã Eliziene, que sempre esteve comigo, me ajudando, me ensinando e sendo meu maior exemplo, tanto na vida quanto nos estudos. Sou grata por todo o cuidado, desde quando éramos crianças e ela me emprestava seus lápis lá nos anos iniciais, pois eu sempre perdia os meus, até hoje, por sempre acreditar em mim e comemorar cada vitória ao meu lado.

Aos meus pais, que sempre priorizaram a educação em nossas vidas, que sempre me deram liberdade e incentivo enquanto eu decidia que rumo tomar profissionalmente, mas que também seguraram minhas mãos e me apoiaram quando precisei retroceder para, depois, conseguir continuar. Serei eternamente grata por todo o esforço que fizeram para que eu tivesse as oportunidades que tive.

Ao meu namorado Jair Junior, por tornar a minha vida mais leve, por me incentivar, por acreditar em mim e por fazer questão de sempre me fazer sentir capaz de alcançar qualquer coisa. Obrigada por me ajudar a seguir em frente cada vez que eu duvidei de minhas capacidades.

Aos meus amigos, não citarei nomes, mas sem eles essa jornada teria sido quase impossível. Todos esses anos teriam sido ainda mais difíceis sozinha. Sem a amizade para aliviar a pressão e o peso de tudo isso, não sei se teria chegado até aqui.

A todos os professores que cruzaram meu caminho, sem os quais eu realmente não teria alcançado este momento. A contribuição de cada um foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Prof^a. Dr^a Norma Cristina, que esteve ao meu lado desde o início do curso, me orientando e me apoiando. Foi um grande privilégio trabalhar com ela por três anos como sua bolsista no PIBIC, onde pude crescer como pesquisadora. Serei sempre grata por me orientar na caminhada até este momento.

Finalizo dedicando este trabalho à memória da minha querida Prof^a. Ma. Socorro Braga, que infelizmente, não está mais entre nós, mas que foi uma grande inspiração em minha vida. Espero, um dia, ao menos, chegar perto de me tornar um ser humano tão incrível quanto ela foi.

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM BACURITEUA, BRAGANÇA-PA

Eliziane Nascimento
Norma Cristina Vieira

Resumo

Esta pesquisa se propõe a visibilizar e analisar os lugares estruturantes de gênero a partir das narrativas das crianças de 4 a 5 anos da comunidade de Bacuriteua, Bragança-Pará. Os eixos de referência para a investigação serão: Relações de gênero e Infâncias. A pesquisa tem abordagem qualitativa com pesquisa de campo, além de pesquisa bibliográfica. Podemos constatar que as crianças estão embebidas culturalmente destes lugares constituídos de gênero, e já os reproduzem, através de objetos, brincadeiras, comportamentos, e na maioria das vezes seguem o “padrão” do que lhes é ensinado como aceitável a seu gênero. E caso tente atravessar outro mundo que não o seu, é violentado. É fundamental uma educação libertadora, dialógica, permissiva, que rompesse, a princípio, com as amarras daquilo que se acredita “ser de menino”, “ser de menina”.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Amazônia Bragantina, Bacuriteua, Criança.

Abstract

This research proposes to visualize and analyze the structuring places of gender from the narratives of children from 4 to 5 years of the community of Bacuriteua, Bragança-Pará. The reference axes for the investigation will be: Gender relations and Childhood. The research has a qualitative approach with field research, as well as bibliographic research. We can see that children are culturally embedded in these gendered places, and already reproduce them through objects, play, behavior, and most often follow the "pattern" of what is taught to them as acceptable to their gender. And if you try to cross a world other than yours, you are violated. A more liberating, dialogical, permissive education is essential, which breaks, at first, with the bonds of what is believed to be “for a boy” or “for a girl”.

Key-words: Gender Relationships. Childhood. Traditional community.

INTRODUÇÃO

As relações de gênero são às formas pelas quais se constroem e se organizam as diferenças entre homens e mulheres na sociedade. Essas relações são históricas, culturais e socialmente produzidas, resultando em desigualdades, papéis e expectativas distintas atribuídas a cada gênero.

Por meio da cultura as relações de gênero se perpetuam ao longo da vida, tendo início em grande parte delas até mesmo antes do nascimento. Por vezes os quartos já são decorados nas cores azul para meninos e rosa para meninas, a partir do momento que se descobre o sexo do bebê (Cabral; Diaz, 1998). A ideia “do que é de menino e o que é de menina” (Vieira; Siqueira; Di Paolo, 2014) continua a ser reforçada logo após o nascimento, onde a menina é vista como frágil, delicada, comparada geralmente a uma princesa de contos de fada, figura esta que em sua grande maioria é retratada como uma menina frágil (Adichie, 2017), que precisa de um príncipe para salva-la. Já os meninos desde cedo são ensinados que são fortes e livres, sendo ainda representados por príncipes e heróis.

Os lugares de gênero englobam aos espaços simbólicos e sociais ocupados por indivíduos em função das construções de gênero que a cultura impõe. Esses “lugares” são definidos a partir de expectativas, valores e práticas que determinam o que é considerado apropriado para cada gênero, delimitando fronteiras entre o que é “de menino” e “de menina”, “de homem” e “de mulher”.

Segundo Butler (2015), pode-se compreender que os lugares de gênero não são fixos, mas constantemente construídos e reconstruídos nas interações sociais podendo ser reafirmados ou subvertidos conforme as experiências e resistências dos sujeitos.

Ao longo da infância esses lugares de gênero são impostos nas brincadeiras e pelos brinquedos, bem como nas relações entre crianças e adultos. Existe há muito tempo e persiste ainda hoje, a ideia de que a criança deve ser preparada e moldada para crescer e se tornar um adulto capaz dentro da realidade permitida a seu gênero, a menina, geralmente, é estimulada a brincar de “casinha”, com bonecas e panelinhas, tendo em vista que se tornar mãe e dona de casa ainda é considerado o papel principal da mulher. Diferente dos meninos, que, em boa medida, são incentivados a brincar livremente, se exercitar, e não há necessidade destes de se relacionarem com o cuidar e a domesticidade como mostram Sousa, Souza e Vieira (2018. p. 71-72)

A concepção de ser papel da mulher as atribuições do lar, às vezes atravessa

o brincar, uma vez que bem cedo as meninas são direcionadas às brincadeiras e aos brinquedos que representam o doméstico; por exemplo, brincar com bonecas, acessórios, utensílios do lar (geladeira, panelas, fogão), em miniaturas. Contrariamente, essas representações se diferenciam culturalmente das dos meninos. Para eles, sobretudo, são pensados valores fora do campo do cuidar e da domesticidade, brinquedos e brincadeiras com carros, bolas, skates, pipas etc.

Ao final do século XX a infância passa a demarcar um novo lugar epistemológico, tendo em vista o estudo da infância como categoria social do tipo geracional, tendo as crianças como atores sociais, que devem ser estudadas a partir de si mesmas (Sarmiento 2008; Pinto & Sarmiento, 1997) e a partir de suas relações com o outro.

A partir disto surge a necessidade de compreendermos como se constroem as relações de gênero na infância, sobretudo em comunidades tradicionais da Amazônia, na qual estes estudos, em boa medida, são ausentes. Decidimos investigar as relações de gênero a partir do ambiente escolar, mais precisamente, nas turmas de Educação Infantil da comunidade de Bacuriteua.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido sob a orientação da Professora Dra. Norma Cristina Vieira, no Campus Universitário de Bragança. A pesquisa foi construída a partir das discussões e reflexões promovidas no âmbito do grupo de estudos, tendo como foco compreender as relações de gênero observadas na infância escolar da comunidade de Bacuriteua. O projeto possibilitou o aprofundamento teórico e metodológico sobre a temática, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar crítico acerca das construções sociais que permeiam o universo infantil e das práticas que reforçam ou tensionam as desigualdades de gênero no contexto escolar amazônico.

Algumas questões orientaram a investigação: Como as crianças de 4 e 5 anos representam os lugares de gênero? Que dizem as crianças sobre essa questão? De que forma a escola tem mediado este debate?

Uma pesquisa realizada por Brécio (2007) em uma escola do município de Moju no Pará revela uma cobrança de que as crianças reproduzam os estereótipos impostos culturalmente aos gêneros, para as meninas a feminilidade é estimulada nos discursos e no manuseio de objetos como brinquedos e material escolar, e aos meninos é estimulado a masculinidade através da agressividade, da coragem e da racionalidade justificada pelo temor que eles se desviem da “identidade heterossexual” esperada socialmente para os meninos, bem como para as meninas também.

Aqui, como em muitos outros espaços sociais, os corpos são moldados por “normas reguladoras” (Butler, 2015) e as instituições sociais como as escolas, as famílias, as religiões, em grande medida, são instrumentos capacitados para gendrar indivíduos em lugares estruturantes de gênero.

Tudo nos convida a fugir de nós mesmos/as, a correr atrás de estimulações tão numerosas e diversificadas que nosso eu sobrecarrega-se a ponto de prostrar-se (Touraine, 2010) e todo esse processo acontece desde muito cedo, ainda na infância.

Metodologia

O locus da pesquisa foi a comunidade de Bacuriteua, localizada no município de Bragança, Nordeste Paraense. Trata-se de uma comunidade estuarina cuja principal atividade econômica é a pesca artesanal de diferentes espécies de peixes, crustáceos e moluscos, sendo uma das maiores comunidades rural-pesqueira do município de Bragança. A escolha desse território deve-se à relevância de compreender as relações de gênero em contextos tradicionais amazônicos, onde as dinâmicas sociais e as práticas culturais estão fortemente associadas às atividades pesqueiras e à divisão sexual do trabalho (Vieira et al, 2013).

Um dos métodos utilizado na pesquisa de campo foi a observação participante, onde o pesquisador se integra ao grupo pesquisado para observá-lo. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.194) “Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.”

A observação foi realizada no período de outubro a dezembro de 2019, em uma Escola de Educação Infantil, na turma de Pré I, sala C, composta por crianças de 4 a 5 anos. A turma possui 22 alunos, sendo estes, 10 meninas e 12 meninos. A escolha da turma deu-se pela disponibilidade da professora e da turma em participar da pesquisa.

As observações aconteceram em sua grande maioria em sala, durante o período de aula dos alunos/as, e no pátio da escola durante o recreio (intervalo das aulas). Parte delas aconteceu também em locais externos a escola, durante as atividades de recreação intituladas “semana da criança”, em um terreno ao lado da escola, e na festa em comemoração ao dia das crianças, ocorrida no centro comunitário da comunidade, pela indisponibilidade de espaço apropriado para estes eventos. E também durante o dia do banho, quando as crianças receberam banho coletivamente em frente à escola.

Figura 2: Sala de aula da turma de pré I. Sala C.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3: Terreno utilizado para as atividades de recreação com as crianças. Ao fundo o Rio Caeté, que passe em frente ao terreno e à escola.



Fonte: Acervo pessoal.

Anteriormente a realização das entrevistas houve uma conversa informal com a professora responsável pela turma, onde foram expostas as questões que compunham as entrevistas, a qual a professora aprovou e autorizou que esta fosse realizada com seus alunos na presença dela.

A entrevista foi aplicada a 12 crianças, das quais eram, 6 meninas e 6 meninos, de uma turma composta por 23 alunos, sendo assim, as entrevistas ocorreram com 52,173% dos alunos da turma que se disponibilizaram a participar desta etapa da pesquisa.

As entrevistas foram aplicadas individualmente. Optamos pela entrevista individual para que não houvesse influência das outras crianças nas respostas.

A escola foi o espaço das entrevistas, sob acompanhamento da professora, por

entendermos a familiaridade que as crianças possuem com o ambiente.

Concomitantemente as entrevistas, utilizamos o método da associação livre, que consiste em pedir para que dissessem a primeira palavra ou frase “que vier à cabeça, sem muito pensar”, objetivando coletar representações sociais do sujeito (Moura, 2009).

As palavras utilizadas para que as crianças fizessem a associação livre foram: Brinquedo; Mãe; Pai; Menina; Brincadeiras preferidas; Menino.

Na associação livre encontramos algumas dificuldades, como a falta de compreensão por parte de algumas crianças, o que levou algumas a repetirem exatamente as mesmas palavras ditas por nós. Houve também algumas crianças que se recusaram a responder, ou ir até o fim das palavras selecionadas, mas foi possível colher alguns dados a partir destas.

As respostas coletadas das crianças foram organizadas, analisadas e relacionadas às referências bibliográficas específicas as questões abordadas nesta pesquisa.

Lugares de gênero: “o que é de menino” e “o que é de menina”?

Foi possível perceber que aqui os meninos estão ligados às brincadeiras mais livres e que exigem mais espaços como: correr, brincar de bola, uso de carrinhos, uso de bonecos de heróis e de animais. Entre os meninos, geralmente, surgem pequenas confusões durante o brincar, mas rapidamente são resolvidas com a intervenção da professora. As brincadeiras realizadas por eles têm características de disputa.

As brincadeiras realizadas pelas meninas estão ligadas, em boa medida, em representar a domesticidade e o cuidar, são os espaços das casinhas como elas chamam. Nestas têm principalmente bonecas, panelinhas e maquiagens. As casinhas são reproduzidas no interior da escola.

Fica também enfatizado nos discursos da professora que “menina tem comportamento mais calmo e moderado que os meninos”. Para elas é notório a cobrança de uma performance que remeta delicadeza e pequenas contenções exercitadas nos modos de sentar, de falar, e de sorrir. Este mesmo trato não é dado, em boa medida, aos meninos, porque se justifica a todo instante nas falas dos adultos que frequentam a escola que é da “natureza do menino a falta de domínio e de delicadeza”, afinal que os traços de delicadeza nos meninos são vistos como desvios de padrão de comportamento. Para as meninas são cobradas inclusive a forma que se referem ao ato

de urinar, quando ao dizer para a professora que queria “mijar” a aluna foi rapidamente repreendida e ensinada a dizer “fazer xixi”.

Foi possível notar que há um reforço da escola para que esses lugares estruturantes de gênero se perpetuem, sendo possível perceber isto através de atitudes tidas como “naturais” (Louro, 1997). Exemplo disto foi à escolha de cores para diferenciar meninos e meninas, a formação de filas específicas para cada gênero, e até a escolha de brindes diferenciados por cor, como estojos nas cores rosa, amarelo e colorido para as meninas, e azul, verde e preto para os meninos.

São essas atitudes naturalizadas que muitas vezes deixam de ser percebidas e problematizadas como algo que continua a reforçar os lugares de gênero socialmente construídos (Ferreira, 2013), inclusive entre a primeira infância, a partir da sua inteligibilidade, representação e simbolização do mundo (Arenhart, 2016) marcada pelo conjunto de objetos, cores, acessórios que compõe o dito “mundo as meninas” e o “mundo dos meninos”.

Figura 4: Brindes entregues no dia das crianças para os alunos e alunas da escola em estudo.



Fonte: Acervo pessoal

Além destas atitudes já enraizadas no cotidiano escolar, foi possível notar outras diferenças no tratamento entre meninos e meninas da comunidade. Presenciamos um exemplo disso no dia do banho. Neste dia os pais levam roupa de banho e material de higiene para que as crianças tomem banho na escola.

Após a professora ajudar as crianças a trocarem seus uniformes pelas roupas que os pais haviam levado, um dos meninos demonstrou estar envergonhado de tirar a toalha e ficar somente de sunga para brincar na sala antes do banho, no entanto a professora o encorajou a não sentir vergonha por estar somente de roupa de banho, disse a ele que não havia necessidade de uma toalha enrolada ao corpo, e que brincasse

sem se preocupar, pois não tinha motivos para se envergonhar.

Em contrapartida, as meninas não foram incentivadas da mesma forma que os meninos, ou seja, em nenhum momento receberam orientação para que ficassem de somente com os biquínis, maiôs, antes do momento de tomarem banho. Elas vestiam outra vestimenta além da roupa de banho para não mostrar seus corpos.

Isso nos remete a ideia de que o corpo feminino deve ser resguardado, exposto com pudor, somente quando for conveniente (Fáveri; Venson, 2007), enquanto o corpo masculino não necessita das mesmas regras, não existindo a necessidade de escondê-lo tal como acontece com elas.

Sobre essa questão, Medrado e Lyra (2008) afirmam que a dimensão relacional do conceito de gênero possibilita compreender ou interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino e não apenas entre homens e mulheres, mas nos homens e nas mulheres. Por isso que gênero é estruturante, pois define lugares e posições sociais, em grande medida, desiguais. Para Joan Scott (2008), gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.

Outro dia, presenciamos uma mãe nervosa ao chegar à escola, acompanhada de sua filha, uma das alunas. A criança, de 5 anos, chorava quando a mãe chamou a professora e disse ter batido na menina por ela ter brincado com um carrinho na sala de aula no dia anterior. A utilização do brinquedo considerado masculino, foi vista por outra mãe na escola, que foi até a mãe da criança relatar o que havia visto, por esse motivo, a mãe da menina decidiu puni-la, pois não admitia que sua filha brincasse com um 'brinquedo de menino

A professora, em tentativa de suavizar a situação, tentou conversar com a mãe da aluna, trazendo para si a responsabilidade. Mas a mãe da menina exigiu que a professora não deixasse aquilo acontecer novamente, caso contrário, voltaria a punir a sua filha.

Para Vieira et al (2013) nas comunidades tradicionais da Amazônia os lugares de gênero são mais fixos e a domesticidade um campo obrigatoriamente feminino. Ainda para as autoras:

[...] a estrutura de gênero nestas comunidades é bastante diferente daquela que prevalece na sociedade ocidental urbana, moderna, da qual partem as interpelações hegemônicas (acadêmicas, estatais)”, isso ocorre por serem comunidades com uma forma de organização social própria em comparação

com a sociedade urbana (2015, p. 237).

Foi ressaltado pela professora que este é ainda um pensamento bem enraizado na comunidade, nos pais e nas crianças. A professora relatou que alguns dias antes, um de seus alunos decidiu participar das brincadeiras com as meninas, e escolheu uma boneca para brincar, em seguida, quando as outras crianças perceberam o trânsito do menino para o grupo de meninas o chamaram de “viadinho” e riram dele.

A professora disse ter interferido discutindo com a turma de alunos e de alunas a fluidez do brincar e justificou que o menino brincava com um boneco e não com uma boneca. As crianças riram um pouco e ela continuou dizendo que os meninos podiam brincar com os “brinquedos das meninas” e que as meninas poderiam brincar com os “brinquedos dos meninos”.

Sendo possível observar também a existência de um discurso já naturalizado sobre os lugares constituídos de gênero por parte da professora, onde se torna perceptível que apesar de haver uma tentativa de contornar estes lugares, quando se tornam prejudiciais a convivência das crianças, ela acaba trazendo em sua fala, reforços de que existem brincadeiras distintas para meninas e meninos.

Segundo Louro (1997) a escola foi responsável desde seus primórdios por produzir diferenças, distinções e desigualdades, sempre naturalizando que meninos e meninas têm atitudes, interesses, e aptidão característica de cada gênero, limitando até seu convívio, separando estes nos grupos de trabalhos, e até em filas.

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (Louro, 1997, p. 58)

Observando a forma que as crianças interagem entre si, foi possível perceber que estas, apesar da pouca idade, já absorveram bastante deste discurso “do que é de menino e o que é de menina”, e até já o reproduzem em suas conversas e brincadeiras (Sousa; Souza; Vieira, 2018), muitas vezes de maneira agressiva, sobretudo para aqueles e para aquelas que tentam trafegar pelo espaço oposto ao que se espera culturalmente para seu gênero.

Ao chegarem à sala de aula, as crianças escolhem em qual das mesas desejam sentar, e apesar de não receberem orientação para que formem grupos do mesmo gênero, na maioria das vezes os grupos formados são somente de meninos, e outros

de meninas, com pouca exceções de mesas compartilhadas por meninas e meninos. Algumas vezes até quando recebem a orientação para estarem mais heterogêneos, os grupos acabam se formando.

Foi possível perceber também que as cores são bastante significativas para as crianças, para estas as “cores de meninas e cores de meninos” são realmente relevantes, e as influenciam quando precisam escolher algo, tanto que, se um menino precisa usar o lápis de cor rosa para pintar, existe uma necessidade de consultar a professora para saber se pode pintar com uma “cor de menina”, como se as cores também tivessem gênero.

A cor pode influencia-las em diversos momentos de escolha, como na escolha de mesa para sentar, nos lápis de cor, e até na escolha de um bombom, como percebemos durante a festa de 12 de outubro, dia das crianças, promovida pela escola, quando três garotas brincavam juntas, e em determinado momento uma delas tira do bolso um pirulito e ao abri-lo percebe que era azul, rapidamente uma das outras duas meninas olha para ela e diz que seu bombom era de homem, pois era azul.

Apesar destas crianças estarem em uma faixa etária de 4 a 5 anos, já reproduzem comportamentos que estão dentro de um padrão imposto culturalmente para cada gênero. Exemplo disso ocorreu em um dia que meninos e meninas sentavam em mesas separadas, após um tempo, os meninos começaram uma confusão, a professora interfere dizendo que se não acabassem com a briga tiraria um dos meninos e o colocaria na mesa com as meninas, como forma de castigo. Rapidamente um dos alunos começa a rir do colega e dizer que este se tornaria uma menina por sentar em uma mesa com meninas. Aqui, o gênero é representado como um contágio, basta estar próximo, participar das mesmas atividades do gênero oposto para tornar-se um deles. Como se os lugares de gênero fossem fixos.

Sem contar na violência simbólica sofrida quando alguma criança se permite transitar para conhecer o lugar do outro e talvez experimentar esse lugar a partir lógica do outro. Exemplo disso aconteceu quando uma das meninas, ao brincar com maquiagem com outras meninas, oferece batom para um dos meninos que se aproxima curioso com a brincadeira, e ao ser observado pelos demais meninos foi chamado “de menininha”.

Através da observação das crianças, foi possível constatar que os lugares culturalmente determinados de gênero, são impostos e fortemente cobrados das crianças da comunidade, onde é notável um padrão de comportamento aceitável e

constituído para as meninas e outro para os meninos (Bento, 2011). Há ainda uma cobrança dos pais para que a escola reforce esses lugares e naturalize-os.

Podemos assim constatar que as crianças estão embebidas culturalmente destes lugares constituídos de gênero, e já os reproduzem, através de objetos, de brincadeiras, comportamentos, e na maioria das vezes seguem o padrão do que lhes é ensinado como aceitável a seu gênero. E caso tente atravessar outro mundo que não o seu, é violentado.

Lugares de gênero: O que dizem as crianças?

Ao serem questionadas sobre suas cores favoritas, 84% das meninas entrevistadas disseram ter a cor rosa como predileta, e somente 16% restante preferem vermelho. Dentre estas, 4 meninas disseram que suas cores favoritas podem ser usadas por meninas e meninos, e apenas duas disseram que as cores eram somente de meninas.

Para os meninos houve uma maior reflexão sobre as cores que preferem, 50% dos meninos entrevistados disseram preferir a cor azul, e os outros 50% disseram preferir amarelo e verde. Houve também uma divisão igualitária sobre os que concordam ou não que essas cores poderiam ser usadas por meninos e meninas ou somente por meninos.

Aparentemente para as meninas as cores são menos relevantes que para os meninos, pois somente duas das meninas entrevistadas dizem que suas cores preferidas podem ser usadas somente por meninas, enquanto que para os meninos houve uma divisão igual entre eles, metade são enfáticos quanto a ideia de que suas cores preferidas podem ser usadas somente por meninos, havendo também outra metade que discordou disso.

Percebe-se que as cores ainda são muito usadas culturalmente para demarcar o gênero de alguém ou de algo, sendo imposta esta distinção das cores para as crianças desde a escolha do enxoval para o nascimento de um bebê (Cabral; Diaz, 1998) e posteriormente para todas as fases da vida, sobretudo na infância. Aprendemos simbolicamente a relacionar determinadas cores a um determinado gênero, como se as cores também tivessem gênero.

Quando se discute as brincadeiras e os brinquedos nas infâncias existem sempre aqueles que são vistos como brinquedos de meninos e brinquedos de meninas. Na maioria das vezes quando a criança rompe essa “barreira” de brincar com “o que é de menino ou o que é de menina”, esta é desencorajada, não somente pelos pais, como

também pelos professores, pela escola, e pela sociedade (Junges, 2014)

Ao questioná-las sobre brinquedos e brincadeiras recebemos uma resposta unanime de todas as meninas entrevistadas, que dizem que meninas não podem brincar com carrinhos e que meninos não podem brincar com bonecas.

Ao trazer a mesma discussão para os meninos apenas um deles discorda das meninas, e diz que meninos e meninas podem brincar com bonecas e carrinhos igualmente, todos os outros meninos dizem que meninas não podem brincar com carrinhos.

Segundo Sarmento (2002, p. 12) o brincar é a condição da aprendizagem, e desde logo, da aprendizagem da associabilidade. O brincar, o jogo e o brinquedo acompanhem as crianças nas diversas fases da construção das suas relações sociais.

Na comunidade de Bacuriteua o brincar apresenta-se como parte da construção da identidade de uma criança. É a partir das brincadeiras que elas constroem suas relações com o mundo, podemos assim compreender o brincar e os brinquedos como parte fundamental na construção dos lugares estruturantes de gênero.

Em pesquisa realizada com crianças na periferia do Rio de Janeiro Arenhart (2016) reforça a ideia de que mesmo que as crianças construam suas culturas com base nos referenciais da cultura adulta, os estudos acerca das culturas infantis sustentam que existe relativa autonomia na produção cultural das crianças, ou seja, não se trata de independência, mas também não se trata de mera reprodução.

Por isso que crianças de comunidades tradicionais, em que os lugares de gênero, de modo geral, são mais fixos se comparado com os grandes centros, embora tenham sua autonomia nas formas de lidar com o outro, humano e não humano, objeto e espaço, não se desprendem da estrutura cultural da qual está emersa. E seu brincar e suas relações também muito pouco livres das fixidez do que é constituído para os gêneros.

Junges (2014) ressalta que os bebês não nascem sabendo que devem agir segundo o que a sociedade dita como padrão “normal”, ou seja, o correto de acordo com seu sexo biológico, com o que é “padronizado” pelos pais e pela sociedade, e com tudo que faz parte do seu meio social, como por exemplo: roupas, calçados, desenhos animados, filmes infantis, brinquedos, materiais escolares, banheiros. Assim, desde cedo, é imposto que as crianças devem aprender a maneira “correta” de agir e se comportar de acordo com o gênero ao qual socialmente dizem que ela faz parte.

A partir disso e das respostas das crianças percebemos que os lugares de gênero representados pelas crianças são, em sua maioria, reflexo do que as cercam, como os pais, os desenhos, os filmes, os brinquedos determinados a elas, as brincadeiras permitidas, os comportamentos aceitos como normais a seu gênero. Ficando bem claro o “lugar da mulher e o lugar do homem” na comunidade até mesmo para as crianças.

Durante a associação livre foi possível perceber que para as meninas o brincar está ligado principalmente ao cuidado e ao doméstico, onde brincar de boneca e de casinha são os principais resultados associados a palavra brincar. Já os meninos respondem carrinho, caminhão, e até Hulk.

A palavra Mãe os meninos associam a cuidados, alguns meninos responderam com a palavra “almoço” ou “lembro que ela me dá comida”, enquanto a maioria das meninas associou a carinho, e uma disse “que temos que aprender ser mãe”.

Das doze crianças entrevistadas, duas não moram com o pai, e uma disse ainda que o pai a abandonou. As outras crianças associam pai a carinho e a “pai e filho” ou “pai e mãe”.

As meninas associaram a palavra Menina a brincar com as meninas, amigas, já os meninos, alguns se recusaram a responder, um disse ainda que “menina é uma palavra de menina. Não penso em nada”, e dois disseram “brincar com as meninas”.

Sobre a Brincadeiras preferidas uma menina respondeu “tem que brincar, pra não enjoar a mãe”, e outra disse “brincar de mãe e filha, e de amigas”, todas as outras crianças associaram a brincadeiras mais livres, como corrida, brincar de bicicleta, “pira se esconde”, com o trator e cavalinho, ou boneco.

Com a palavra Menino, uma das meninas respondeu que não gosta de meninos, outra disse que eles brincam com carrinho, uma delas ressaltou que “o menino tem que brincar com o boneco porque ele é menino” e um menino disse “Eu penso em menino brincando de bolinha”, outro disse “eu lembro dos meus amigos”, alguns deram respostas aleatórias, como “três” ou não quiseram responder.

Conclusão

Ao analisarmos os resultados das entrevistas e associação livre, estas nos possibilitam visualizar mais claramente como estão impostas as questões de gênero para as crianças daquela escola. Mais uma vez as crianças reproduzem o que lhes é

ensinado como o “papel da menina” e o “papel do menino”, sendo possível constatar que para a maioria destas, as falas, as roupas e as brincadeiras se diferem por gênero, nos possibilitando afirmar que esses lugares de gênero são construídos desde a infância, não sendo algo natural, mas resultado de aprendizados e influências sociais e culturais, como explicam Louro (1997) e Butler (2015).

Durante a pesquisa, ficou claro que a escola e a família têm papel importante nesse processo. Muitas vezes, mesmo sem intenção, elas reforçam diferenças entre meninos e meninas, como ao escolher certas cores, ao separar brincadeiras ou ao tratar de maneira diferente atitudes parecidas.

Portanto, é possível afirmar que, na escola estudada, os lugares de gênero permanecem fortemente marcados por uma divisão tradicional de gênero, onde o feminino é associado ao cuidado e à domesticidade, e o masculino à força e ação. Contudo, compreender como essas representações se formam na infância é um passo essencial para que a escola e a sociedade possam repensar práticas educativas mais inclusivas, que favoreçam o respeito à diversidade e rompam com as imposições históricas que delimitam o ser “menino” ou “menina”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

ARENHART, Deise. **Culturas Infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, Florianópolis. 2011.

BRÉCIO, Vilma Nonato de. **Entre o controle e a transgressão: a construção escolar das diferenças entre gêneros**. Margens/ Revista Interdisciplinar do Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação- CUBT/ UFPA. Belém: Paka-Tatu. 2007.

BUTLER, Judith, P. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT**. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998.

FÁVERI, Marlene; VENSON, Ana Maria Marcon. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredo. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação**. Anos 90, Porto Alegre, v. 14, n. 25. 2007.

FERREIRA, Flávia Moreira. **Família, gênero e violência doméstica na infância**. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 26, 2013. P. 209-210.

JUNGES, Rafaela. **MENINOS QUE BRINCAM COM BONECAS VIRAM MENINAS? DIFERENÇAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS**. 2014. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - do Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

LIMA, Maria. Lúcia. Chaves.; MÉLLO, Ricardo. Pimentel. **As Vicissitudes da Noção de Gênero: por uma concepção estética e antiessencialista**. Gênero na Amazônia, Belém, n. 1, jan./jun., 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de Gênero para os estudos sobre homens e masculinidade**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

MOURA, J. **O Método da Associação Livre**. Disponível em: <<http://artigos.psicolgado.com.htm>> 2009.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale; MANESCHY, Maria Cristina Alves. **Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança**, Pará. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 1, jan.-abr. 2014.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **MULHERES EDUCADAS NA COLÔNIA. In: 500 anos de educação no Brasil**. Organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, -Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição.

SCOTT, Joan. **Perguntas no respondidas**. American Historical Review, vol 113, núm. 5, diciembre, 2008.

SARMENTO, M.J. & GOUVEA, M.C.S. (Org). **Sociologia da Infância: correntes e confluências**. In: Estudos da Infância: educação e práticas sociais . Pétropolis: Vozes, 2008.

SARMENTO, M.J. **Imaginário e culturas da infância**. 2003. [Disponível em <http://www.iec.minho.pt/cedic/textosdetrabalho>].

SARMENTO, M.J. & PINTO, M. **As crianças, contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança/ Universidade do Minho, 1997.

SOUSA, Naire Gomes; SOUZA, Ana Paula Vieira; VIEIRA, Norma Cristina. **O brincar e as relações de gênero entre meninas e meninos na educação infantil desvelados pela linguagem fotográfica**. Nova Revista Amazônica - volume vi - número 3 – 2018.

SOUZA, Camilla da Silva. **RELAÇÕES DE GÊNERO EM BACURITEUA (PA): IMAGINÁRIO DO HOMOEROTISMO MASCULINO ENTRE COLETORES DE CARANGUEJO**. Dissertação. Universidade Federal do Pará. Bragança Pará, 2013.

TEXEIRA, Cíntia. Maria; MAGNABOSCO, Maria. Madalena. **Gênero e diversidade: formação de educadoras/res**. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2010.

TOURAINE, Alain. **O mundo das mulheres**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIEIRA, N. C.; SIQUEIRA, D.; EVER, M.; GOMES, M.. **Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico**. Amazônica: revista de antropologia (online), Belém, v. 5, 2013.

VIEIRA, N. C.; SIQUEIRA, D.; PAULO, D. **“O que é de mulher e o que é de homem”: Relações de Gênero na Pesca Artesanal Comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil**. Raizes, UFPB, v. 34, p. 9, 2014.

WOLFF, Cristina Scheibe; ALDANHA, Rafael Araújo. **Gênero, sexo, sexualidades: Categorias do debate contemporâneo.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 16, jan./jun. P.35-36. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>